

Resenha bibliográfica^a

Book review

YAZDANI, Kaveh; MENON, Dilip M. (Org.). *Capitalisms: Towards a Global History*. Nova Delhi: Oxford University Press, 2020.

Carlito Oliveira Junior^b 

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa
de Pós-Graduação em História, Rio de Janeiro (RJ), Brasil

Resumo: A presente resenha analisa a coletânea *Capitalisms: Towards a Global History*, organizada por Kaveh Yazdani e Dilip M. Menon e publicada pela Oxford University Press em 2020. A obra reúne contribuições de pesquisadores de diferentes países com o objetivo de desafiar narrativas eurocêntricas sobre as origens e a expansão do capitalismo, propondo em seu lugar uma abordagem plural e comparativa que incorpora trajetórias econômicas da China, da Índia, do Japão, da Rússia, do Sudeste Asiático e do Atlântico escravista. A resenha apresenta os principais argumentos dos dois blocos temáticos da coletânea, grandes debates e estudos de caso, com ênfase nos capítulos dedicados à relação entre escravidão e capitalismo e à pluralidade de formas capitalistas em perspectiva histórica global.

Palavras-chave: Capitalismo. História econômica global. Escravidão. Eurocentrismo. História comparativa.

JEL: N00. N10. F54.

Editor responsável: Ivan Colangelo Salomão

^a DOI: 10.29182/hehe.v29i4.1147

^b carlitolopes@edu.unirio.br

O autor declara não haver conflito de interesse. Os conteúdos utilizados na pesquisa encontram-se no manuscrito. Foram utilizadas ferramentas de Inteligência Artificial (IA) para: revisão gramatical/ortográfica do texto.



Esta publicação está licenciada sob os termos
de Creative Commons 4.0 Internacional

O volume *Capitalisms: Towards a Global History*, organizado por Kaveh Yazdani e Dilip M. Menon e publicado pela Oxford University Press em 2020, constitui resultado de um *workshop* realizado em junho de 2016 no Centro para Estudos Indianos na África (CISA), da Universidade de Witwatersrand, em Johannesburgo, África do Sul. Yazdani é pesquisador especializado em história econômica comparativa e em trajetórias de desenvolvimento pré-capitalista e capitalista na Ásia, enquanto Menon é reconhecido por suas contribuições à história intelectual e cultural do Oceano Índico e do subcontinente indiano. A obra foi concebida, segundo os próprios organizadores, como uma resposta crítica à *Cambridge History of Capitalism* (2014), cujos dois volumes, a despeito de seus méritos, foram considerados excessivamente eurocentrados e deficientes no tratamento das regiões não ocidentais entre os séculos X e XIX.

A proposta central da coletânea é desafiar as narrativas canônicas sobre as origens e a expansão do capitalismo, que tendem a privilegiar trajetórias europeias e britânicas como modelo universal de desenvolvimento. Para isso, a obra reúne contribuições de pesquisadores provenientes de diferentes países, incluindo China, Japão, Inglaterra, França, Estados Unidos, Canadá, Brasil, Egito e Nigéria, organizadas em dois blocos temáticos: o primeiro dedicado a grandes debates e controvérsias teóricas, e o segundo a estudos de caso regionais. O fio condutor que atravessa todos os capítulos é a defesa do plural: não há um capitalismo único e teleologicamente determinado, mas múltiplas trajetórias de desenvolvimento econômico situadas em conjunturas históricas específicas. Como afirmam os organizadores na introdução, a obra pretende oferecer um mapa de possibilidades comparativas e interconexões, recusando tanto a homogeneidade dos relatos eurocêntricos quanto o relativismo que fragmenta a história em narrativas isoladas.

A introdução de Yazdani e Menon apresenta o marco teórico que sustenta a coletânea. Os organizadores argumentam que a compreensão do capitalismo industrial britânico e europeu é inseparável das contribuições do mundo não ocidental: o trabalho escravo africano, a demanda asiática por produtos europeus, as transferências tecnológicas e científicas da Índia e da China, e os recursos materiais das Américas foram condições indispensáveis, e frequentemente negligenciadas, da chamada Grande Divergência. Os autores dialogam criticamente com uma ampla literatura, que

vai de Karl Marx e Fernand Braudel a Kenneth Pomeranz e Sven Beckert, para sustentar que qualquer explicação monocausal do capitalismo é insuficiente. A introdução também questiona definições excessivamente abrangentes de capitalismo, como a proposta por Larry Neal na *Cambridge History of Capitalism*, segundo a qual quatro elementos – direitos de propriedade privada, contratos exigíveis por terceiros, mercados com preços responsivos e governos de apoio – seriam suficientes para caracterizar qualquer variante capitalista. Para Yazdani e Menon, tal definição é tão ampla que permite enquadrar a Babilônia do primeiro milênio antes de Cristo como capitalista, esvaziando a especificidade histórica do conceito.

O primeiro bloco, dedicado a debates e controvérsias, reúne sete capítulos que percorrem temas fundamentais da história econômica global. Dennis Flynn abre o volume com uma análise da prata americana e sua centralidade na constituição do mercado mundial entre os séculos XVI e XVIII. Argumentando contra a visão de Wallerstein, que circunscrevia o sistema capitalista às fronteiras europeias, Flynn demonstra que a demanda chinesa por prata, decorrente do colapso do sistema de papel-moeda no século XV, foi o principal motor da economia global da prata, tornando os mercadores europeus meros intermediários de um circuito que conectava as Américas, a Europa, o Japão e a China. A prata japonesa e a hispano-americana convergiam para a China, o maior mercado consumidor do metal no mundo, o que revela uma dinâmica econômica global irreduzível à lógica de um sistema-mundo centrado na Europa ocidental.

O capítulo de Leonardo Marques aborda a relação entre escravidão e capitalismo, tema que ganhou renovada centralidade no debate historiográfico internacional a partir de obras como *Empire of Cotton*, de Sven Beckert, e dos trabalhos associados à chamada *New History of Capitalism*. Marques parte da proposição de que a escravidão não foi um resíduo pré-capitalista ou uma anomalia, mas parte constitutiva do conjunto de relações globais que formaram a economia-mundo capitalista entre os séculos XVI e XIX. Sua análise percorre os impérios ibéricos, com destaque para a inserção de Angola como entreposto no circuito prata-escravos que conectava as Américas à Ásia, e examina como as plantações de açúcar em Madeira, São Tomé e nas Canárias, assim como o trabalho em *gang* nas Caraíbas britânicas no século XVII, constituíram verdadeiras revoluções agrícolas que antecederam e possibilitaram a Revolução Industrial

inglesa do século XVIII. O autor também enfatiza que a concorrência entre três sociedades escravistas, Brasil, Cuba e Estados Unidos, na produção de café, açúcar e algodão no século XIX foi um elemento estruturante do dinamismo econômico e dos conflitos políticos do período. A escravidão, portanto, não pode ser abstraída das condições de possibilidade do capitalismo industrial.

Alessandro Stanziani examina o capitalismo russo, desmontando os topos historiográfico da Rússia como caso excepcional e atrasado. Ao propor uma *comparação recíproca*, o autor demonstra que a coerção do trabalho não é incompatível com o capitalismo, como provam não apenas a Rússia tsarista, mas também o Sul dos Estados Unidos, a Alemanha nazista e diversas regiões da Ásia e da África contemporâneas. Entre 1881 e 1913, a participação da indústria na renda nacional russa cresceu de 25% para 32%, e a agricultura apresentou taxas de crescimento comparáveis às de Alemanha, França, Estados Unidos e Japão. Para Stanziani, a privatização não foi condição necessária nem suficiente para o surgimento do capitalismo, e a divisão internacional do trabalho entre regiões industriais avançadas e regiões agrícolas atrasadas precisa ser radicalmente revisada. David Washbrook e Kaveh Yazdani, nos capítulos dedicados à Índia, oferecem perspectivas complementares sobre o impacto do colonialismo britânico na economia sul-asiática. Yazdani concentra-se no sultanato de Mysore na segunda metade do século XVIII, sob os reinados de Haider Ali e Tipu Sultan, argumentando que o Estado de Mysore encontrava-se em uma fase de transição que teria permitido um processo de industrialização de alcance ao estilo europeu, não fosse a subjugação colonial britânica. A análise de Washbrook, por sua vez, sublinha que a riqueza acumulada na Índia, embora abundante, raramente era reinvestida em ativos fixos e que o capital mercantil era institucionalmente frágil, disperso em portfólios diversificados e pouco supletivo para o investimento empresarial.

Eric Tagliacozzo propõe a inclusão do Sudeste Asiático, composto de cerca de onze países, nas narrativas da história do capitalismo, região sistematicamente ausente de relatos que tomam como ponto de partida a expansão europeia. O autor descreve uma economia caracterizada por fronteiras fluidas, redes de comércio marítimo entre os oceanos Índico e Pacífico, e uma lógica de troca que não se subordinava à noção de terri-

tório nacional. Estados eram apenas um entre vários atores em uma economia proteiforme, e os direitos de propriedade eram instáveis, o que desafia as definições minimalistas de capitalismo baseadas na propriedade privada e na previsibilidade contratual. Henry Heller, por sua vez, revisita os clássicos debates entre Robert Brenner e Immanuel Wallerstein sobre as origens e a localização do capitalismo. Concordando com Eric Hobsbawm na ideia do desenvolvimento desigual, segundo a qual o avanço europeu se deu à custa da Ásia e da África, Heller defende o conceito de *desenvolvimento combinado e desigual*, elaborado por Marx e sistematizado por Trotsky, como instrumento analítico capaz de apreender as tensões entre estados e impérios e a reorientação geográfica global para as Américas e para novas formas de trabalho como as plantações escravistas.

O segundo bloco da obra reúne quatro estudos de caso que percorrem, respectivamente, a China Song (séculos X-XIII), a Inglaterra pré-industrial, o Japão medieval e moderno, e a China Ming. Kent Deng analisa o que denomina *capitalismo de ocasião única* (*one-off capitalism*) da China Song, demonstrando que a descontinuidade, e não a continuidade, é a chave para compreender as transformações desse período. A conjuntura de uma pequena era do gelo no leste asiático no século X, somada à ameaça de invasões nômades ao norte, gerou pressões que diversificaram a economia chinesa em direção a setores não agrícolas, estimularam a construção naval, a invenção do papel-moeda e a monetização dos impostos. No auge do período, a frota Song contava com três mil navios de alto mar equipados com velas, bússolas e cartas náuticas. Contudo, a conquista mongol do século XIII pôs fim a essa eflorescência, e a China retornou ao seu padrão de crescimento anterior por mais meio milênio.

Joseph Inikori questiona o mito da Inglaterra como *primeira nação capitalista*, enfatizando o papel do comércio internacional de longa distância e do crescimento demográfico sobre o desenvolvimento econômico de longo prazo. Em sua análise, os condados ingleses que dominaram a produção voltada para exportação aos mercados atlânticos – Lancashire, West Riding e West Midlands – foram os protagonistas da Revolução Industrial, revelando que a industrialização inglesa foi menos produto de fatores endógenos, como os cercamentos e a revolução agrícola, do que da inserção no mundo atlântico, incluindo o tráfico negreiro e o trabalho

escravo. Para Inikori, a história do capitalismo não pode ser confundida com a história de tudo: *the history of capitalism is not the history of everything*. Masaki Nakabayashi, analisando o Japão entre os séculos XII e XIX, demonstra que um Estado forte pode ser compatível com o crescimento econômico sem sufocar o dinamismo dos mercados. O shogunato Tokugawa, em particular, operou um delicado equilíbrio entre regulação dos mercados financeiros rurais e proteção da propriedade, proibiu a escravidão e formas de trabalho por contrato, ao contrário da Europa, e desenvolveu um sofisticado mercado de futuros na Bolsa de Dojima, em Osaka, considerada o mais antigo mercado de futuros do mundo.

O último estudo de caso é de Anne Gerritsen, que examina a produção de porcelana em Jingdezhen, na China Ming, como manifestação de uma forma de capitalismo em uma economia não ocidental. A manufatura de porcelana em escala protoindustrial, com produção em linha de montagem, uso de trabalho assalariado pago em cobre e prata e inserção nos circuitos globais de prata espanhola, constitui, para Gerritsen, evidência de que a emergência do capitalismo não se restringe à Europa. A autora argumenta que a transição do trabalho compulsório para o trabalho assalariado em Jingdezhen está intimamente ligada à silverização da economia Ming no final do século XVI, decorrente do afluxo de prata espanhola. O período Ming tardio, portanto, pode ser descrito como capitalista em sentido pleno, com uma força de trabalho assalariada, produtos inseridos em mercados globais e uma cultura de consumo e autoaperfeiçoamento associada à porcelana.

A coletânea organizada por Yazdani e Menon representa uma contribuição significativa à historiografia econômica global ao oferecer ao leitor um panorama rigoroso e metodologicamente diversificado das múltiplas trajetórias do capitalismo em diferentes regiões e períodos. Ao recusar tanto o eurocentrismo das grandes narrativas quanto o localismo que fragmenta a história em experiências incomunicáveis, a obra constrói um espaço de comparação e interconexão que enriquece a compreensão dos mecanismos estruturais do desenvolvimento econômico. O tratamento dado à escravidão como elemento constitutivo, e não marginal, do capitalismo atlântico é particularmente relevante para os estudos de história econômica do Brasil e da América Latina, conectando as experiências coloniais ibéricas a dinâmicas globais de acumulação que moldaram a

modernidade capitalista. Da mesma forma, os estudos de caso sobre a China, o Japão e o Sudeste Asiático ampliam o repertório analítico disponível para pesquisadores que buscam superar modelos de desenvolvimento baseados exclusivamente na experiência europeia. A obra é recomendada, portanto, a pesquisadores e estudantes de história econômica, história global e ciências sociais que desejam compreender o capitalismo em toda a sua pluralidade histórica e geográfica.

Referências

BECKERT, Sven. *Empire of Cotton: A Global History*. New York: Alfred A. Knopf, 2014.

NEAL, Larry; WILLIAMSON, Jeffrey G. (Ed.). *The Cambridge History of Capitalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. 2 v.

YAZDANI, Kaveh; MENON, Dilip M. (Org.). *Capitalisms: Towards a Global History*. Nova Delhi: Oxford University Press, 2020.